



CADERNOS BRASILEIROS
DE SAÚDE MENTAL
BRAZILIAN JOURNAL OF MENTAL HEALTH

v. 14 n. 38, 2022

CADERNO DE ARTE

THE ARTS SECTION



CADERNO DE ARTE

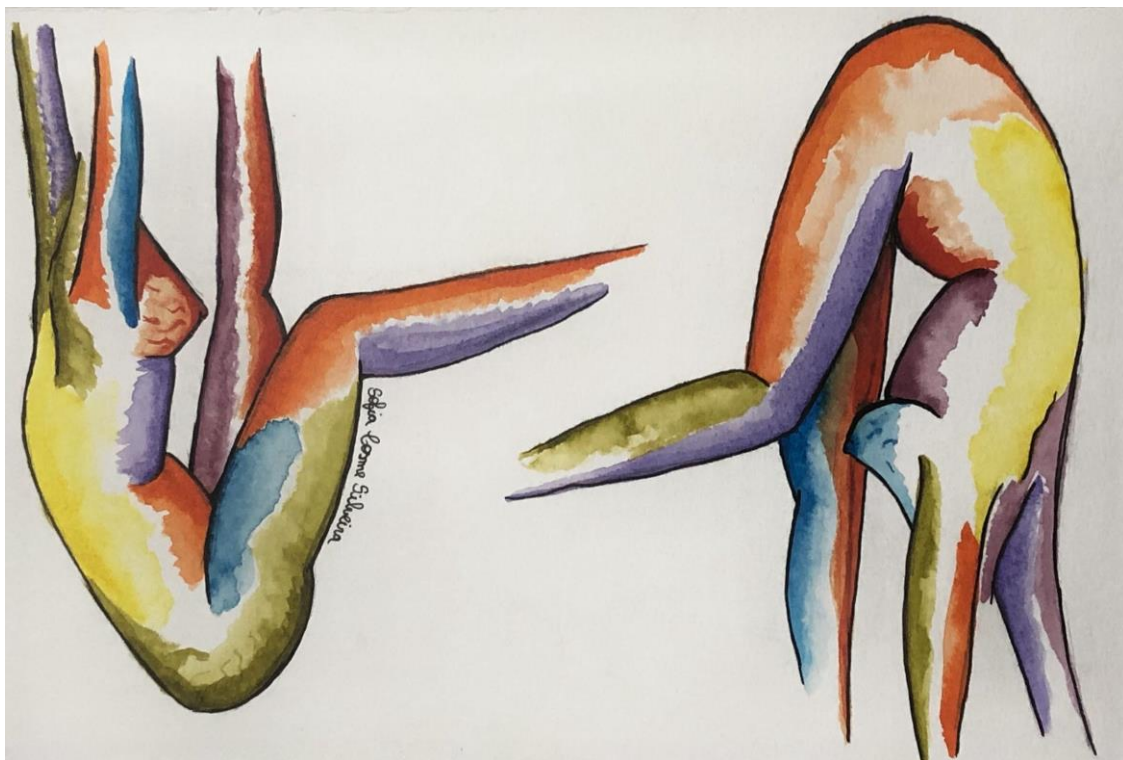
Esta edição do Caderno de Arte conta com obras de quatro autores: Sofia Cosme, que trouxe desenhos em aquarelas; Alan Kazzaz, com fotografia; Lyra, com poema ilustrado e Vitoria Burnier, que colaborou com colagens, desenhos e poemas.

A proposta é expor artes atravessadas pela temática do presente número da revista, as políticas de saúde mental no Brasil e a atenção psicossocial. Como é possível observar, terapias ocupacionais e alternativas são citadas em diversos artigos que compõem o presente número, e a arte deve ser ressaltada em processos relacionados à busca de saúde mental e autonomia.

Dessa forma, o artigo *“Caps Dance: Representações corporais e vivências da dança como ferramenta de cuidado em terapia ocupacional”*, que faz um apanhado da experiência de um CAPS de Santa Maria/RS com o uso da dança como terapia ocupacional, explorando experiências corporais de pessoas com sofrimento psíquico severo, inspirou a seleção das obras.

Convidamos Sofia Cosme, que possui experiência com os benefícios da dança e estudo do corpo em movimento para agregar à Revista. Acadêmica de Licenciatura em Dança pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), é artista visual independente com foco em técnica aquarela e bolsista de Iniciação Científica do Projeto Dança & Parkinson/UFRGS, bem como integrante do Grupo de Estudos em Arte, Corpo e Educação- GRACE.

Através das aquarelas *“Dos Corpos Femininos”* traz questionamentos, colocando os corpos em evidência, buscando suas texturas, linhas, dobras e marcas. Corpos reais. O corpo que é real se dobra, o corpo real tem dobras, tem marcas e texturas.



Título: o corpo que alonga
Técnica: Aquarela sobre papel
Autora: Sofia Cosme



Título: o corpo que dobra
Técnica: Aquarela sobre papel
Autora: Sofia Cosme



Título: o corpo que tem texturas

Técnica: Aquarela sobre papel

Autora: Sofia Cosme



Título: o corpo que estica
Técnica: Aquarela sobre papel
Autora: Sofia Cosme



Título: o corpo que aperta
Técnica: Aquarela sobre papel
Autora: Sofia Cosme

Compreende-se que a arte e a criatividade são um potencial inerente às pessoas, e a realização desse potencial uma de suas necessidades, logo, as obras artísticas são como uma atividade de expressão sublimada de desejos, de modo que o trabalho artístico facilita a expressão, o reconhecimento e a elaboração de sentimentos reprimidos pelo inconsciente, a ponto que o vínculo

entre psiquismo e arte pode chegar a extrema aproximação, em que produção artística e o psiquismo espelham-se, da forma que pode ser observado no trabalho desenvolvido por Nise da Silveira no Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II por exemplo, retratado através do filme “Nise - O coração da Loucura”.

Nise, ao buscar uma ruptura de um modelo manicomial, teve como uma de suas bases teóricas os estudos de Carl Jung, realizando diversas modificações no Hospital, como a aplicação de tratamentos direcionados às demandas particulares de cada indivíduo, por meio da arte, das brincadeiras, do contato com os animais e do afeto como ferramentas de intervenção terapêutica. Assim, deu voz aos conflitos internos e dramas psíquicos vivenciados pelos sujeitos.

O filme mostra um pouco do processo artístico dos internos, aqui, destaca-se a trajetória de Fernando, um homem negro, baiano, descendente de ex-escravizados e oriundo de uma família pobre. Nas primeiras telas feitas no ateliê do Hospital, Fernando pintava apenas objetos aleatórios, bagunçados e desconexos, que de certa forma refletiam o real estado psíquico que se encontrava naquele momento. Conforme foi passando o tempo, Fernando foi desenvolvendo sua arte e chegou a um quadro que havia a pintura de um cômodo, todo organizado.

Ao ver as pinturas do filho, sua mãe pôde reconhecer que o lugar pintado representava a casa de sua ex-patroa, onde Fernando a acompanhava toda semana e ouvia Violeta (filha de sua chefe) tocando piano, moça, esta, por quem apaixonou-se. Sendo Violeta uma mulher de família rica, Fernando, muito inteligente, sonhava em se formar engenheiro, com a promessa de que, assim, poderia se casar com seu *amor de infância*. Porém, quando recebe a notícia de que Violeta iria se casar com outro homem, Fernando surtou, e ali se inicia seu processo de auto-desestruturação, sendo encaminhado para Engenho de Dentro com o diagnóstico de esquizofrenia. Lá, é submetido aos métodos ineficazes e violentos de tratamentos à base de eletrochoque, até que começa a frequentar o ateliê de pintura e modelagem dirigido por Nise e apresentar melhorias em seu tratamento.

A partir da sequência de suas obras, Nise comenta que Fernando estava tentando contar uma história através dos quadros, dizendo que quando, por fim, ele pinta a casa organizada, isto simbolizava que ele havia achado seu espaço e seu lugar, demonstrando então essa tentativa potencial de (re)organização psíquica através da arte a partir de conteúdos inconscientes anteriormente censurados.

Através do acesso à arte, é possível que o inconsciente consiga, de certa forma, ser acessado por meio de desenhos, pinturas e modelagens e assim, a investigação científica, artística e política de Nise permitiu que seus clientes desenvolvessem habilidades e uma melhoria do seu bem-estar físico, psíquico e social, conseguindo uma certa emancipação, elaboração e superação de alguns entraves e barreiras que dificultavam seu tratamento. Nise, ao incentivar

a criação espontânea através da perspectiva de livre expressão, fez com que as obras produzidas ali fossem vistas por diversos artistas e críticos não só como um desabafo do inconsciente ou um destino das pulsões, mas legítimas obras de arte, sendo conhecidas no mundo todo.

Evidencia-se a relação entre a arte e o inconsciente postulado pelos estudos de Freud, bem como, a potência terapêutica contida no estímulo à expressão artística em conjunto à clínica psicanalítica, uma vez que a arte se torna um meio de acessar o paciente, tal como uma linguagem. Nesse aspecto, segundo a ideia da cura pela fala, apresentada por uma das primeiras pacientes de Freud, afirma-se que a prática da psicologia pode se utilizar desse instrumento artístico tão rico para acessar os indivíduos de uma forma diferente da convencional.

Portanto, não se trata apenas de técnicas artísticas, mas sim de deixar o sujeito falar, expressar-se e se deixar “ser” de um outro modo. Nesse sentido, as obras a seguir são fruto de expurgos de sentimentos não verbalizados que ajudaram a elaboração de diversos processos para os artistas. Utilizando principalmente a técnica de colagens, pois sua autora compreende que os sujeitos são fruto de diversos afetos que se atravessam cotidianamente formando imagens variadas. A vida, nesse sentido, é uma combinação matemática exponencial. As imagens recortadas de diversos materiais contribuíram no encontro de sentidos, sem ter que produzi-los “do zero”, além de ambos recortes e sentidos serem produtos culturais dialéticos



Título: esperança observada

Técnica: colagem

Autora: Vitória Burnier



Título: prelúdio

Técnica: colagem

Autora: Vitoria Burnier



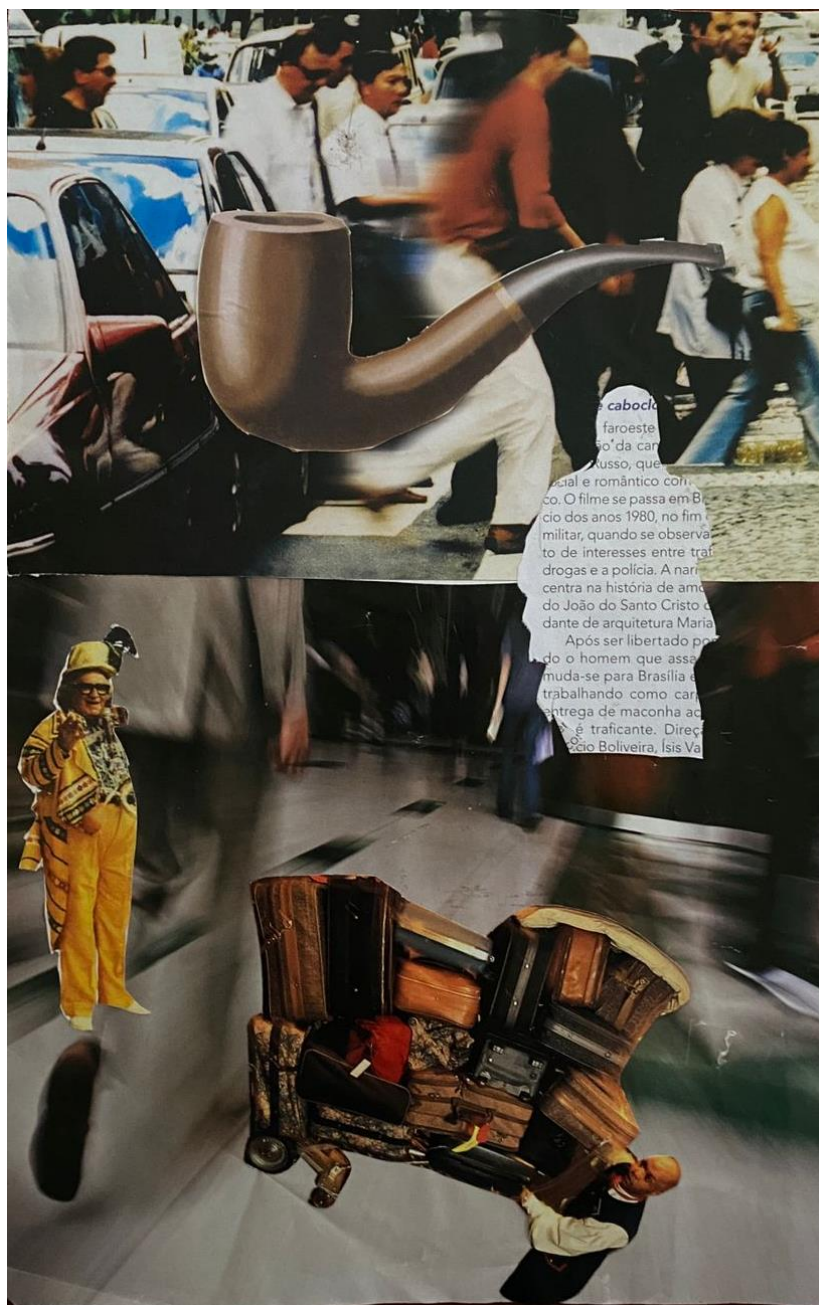
Título: projeto feito pra mim

Técnica: colagem

Autora: Vitória Burnier



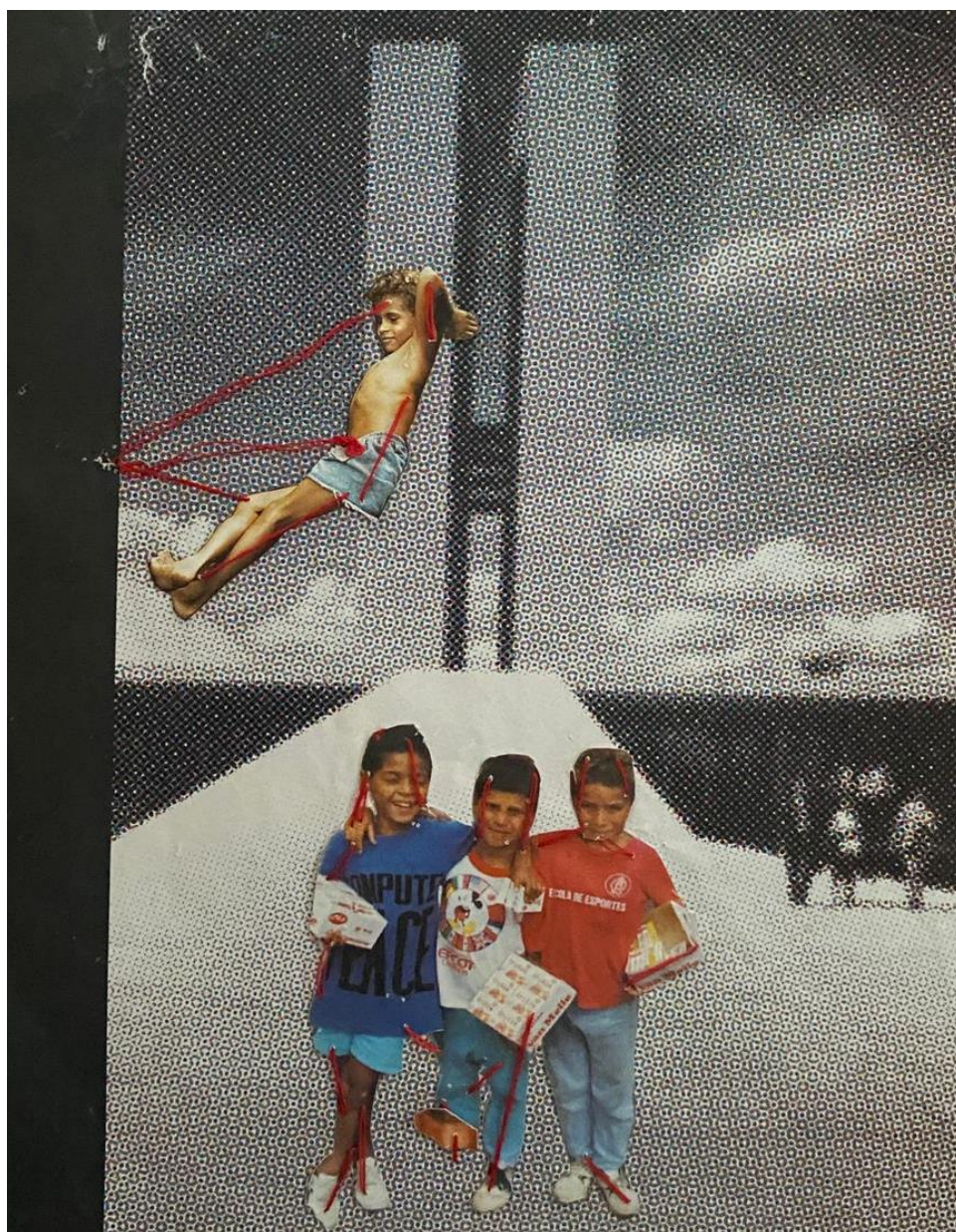
Título: mundo
Técnica: colagem
Autora: Vitoria Burnier



Título: pressa

Técnica: colagem

Autora: Vitória Burnier



Título: meninos do futuro

Técnica: colagem

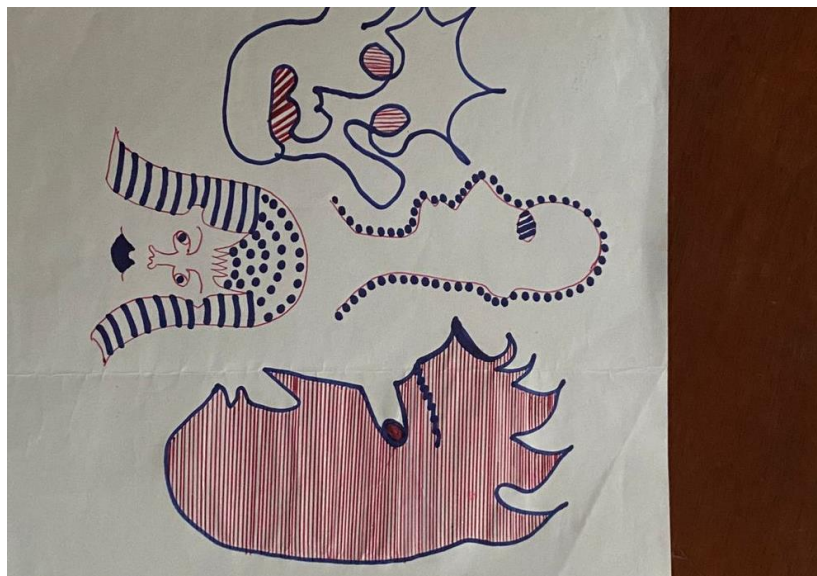
Autora: Vitoria Burnier



Título: respire fundo

Técnica: colagem

Autora: Vitória Burnier



Título: de dentro

Técnica: desenho com caneta

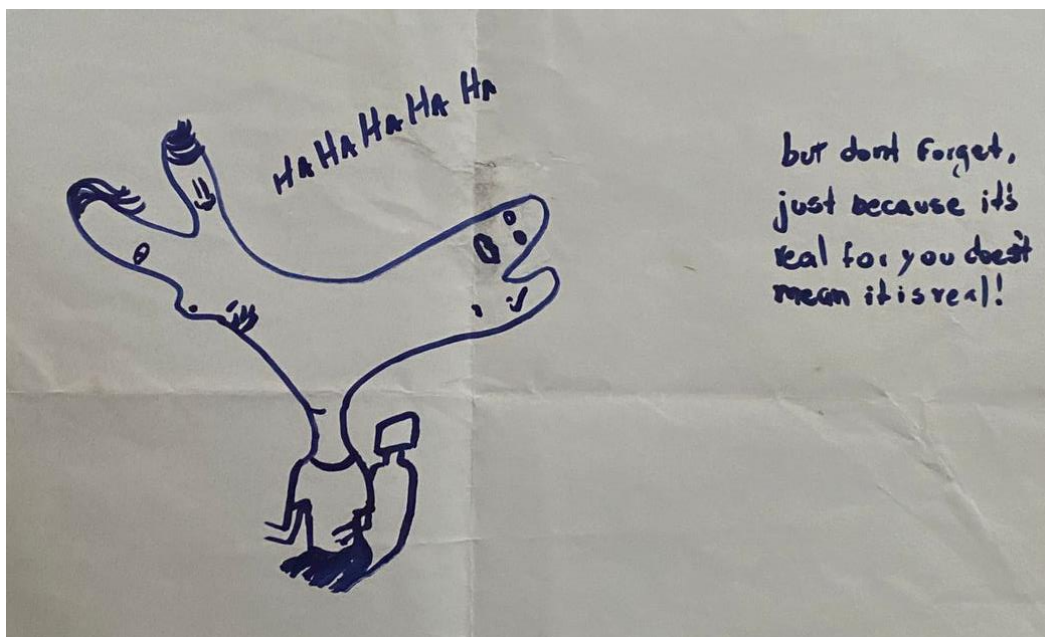
Autora: Vitória Burnier



Título: da janela lateral do quarto de dormir

Técnica: desenho com caneta

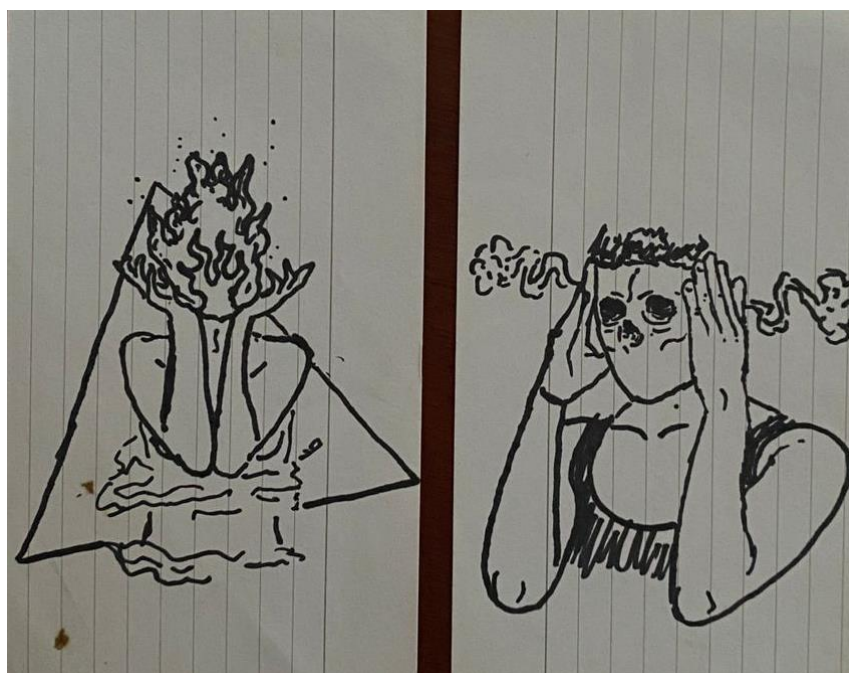
Autora: Vitória Burnier



Título: sentada na escrivaninha

Técnica: desenho com caneta

Autora: Vitória Burnier



Título: tá tudo bem?

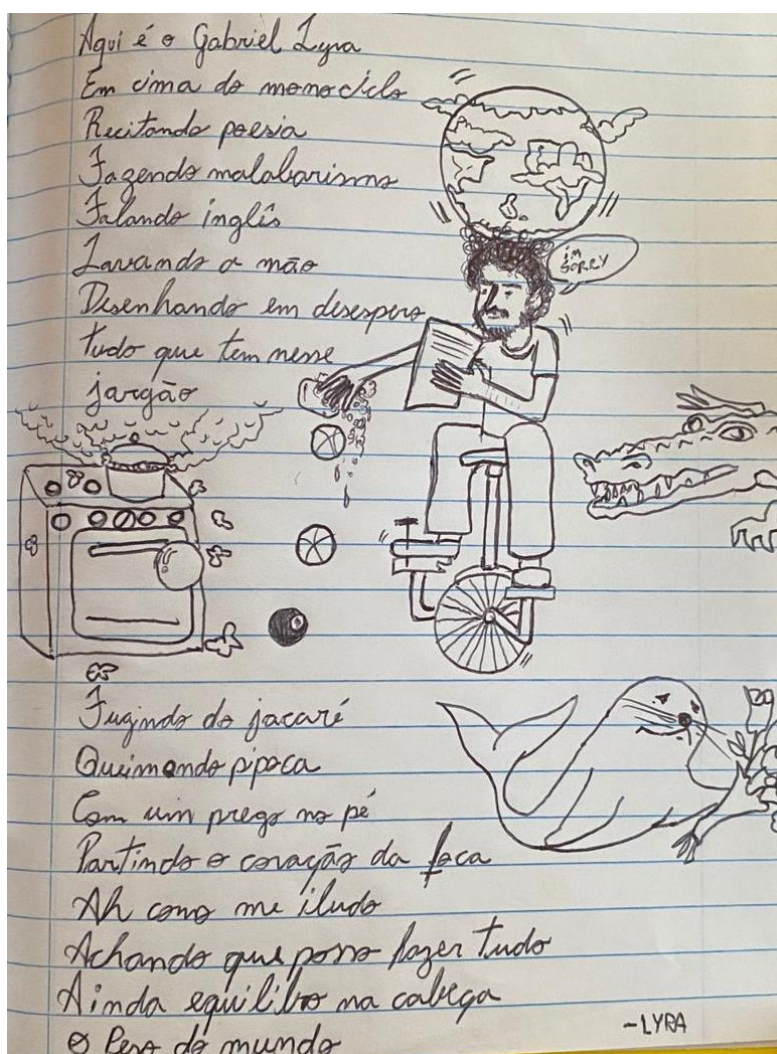
Técnica: desenho com caneta

Autora: Vitória Burnier

Também, Lyra (ator de Brasília/DF) e Vitória Burnier (atriz e estudante de psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina) disponibilizaram poemas para a edição. Dentre as principais temáticas tecidas nas linhas dos autores é possível identificar questões relacionadas a ansiedade, o passar do tempo,

demandas da vida, pandemia, dúvida, busca de bem-estar, decepções, cotidiano, e processos internos de busca de significação.

Observe que nenhum dos poemas tem título, isso se dá principalmente por eles terem como motivo de existir apenas sanar um sentimento vivo demais e sufocante, e não objetiva se tornar poema, nem obra. A última obra desta edição é uma fotografia, por Alan Kazzaz, cineasta de Belo Horizonte/MG. A imagem provoca uma sensação de estabelecimento de equilíbrio, de confiança e de força pessoal, coisas que, de certa forma, busca-se encontrar durante a vida. Muitas vezes é por meio da arte que se tenta encontrar a homeostase interna, os bons afetos e a saúde.



Poema Ilustrado
Autor: Gabriel Lyra

As próximas poesias foram retiradas de um diário. O seguinte escrito é sobre um dia, mas mais do que os fatos ocorridos ali, ele reflete um sentimento persistente na vida do eu lírico: a ansiedade gerada pelo contraste do sonho capitalista norte-americano vendido de graça no cotidiano globalizado com a

realidade brasileira de uma menina que cresceu em uma cidade pequena com poucos acontecimentos. Resta esperar e imaginar.

Insatisfação, ninguém me dá moral
Espero que a vida não seja sempre igual
É uma vida dupla
a real e a fantasia
O desejo
que me venderam tão fácil
Estou todos os dias esperando por uma coisa
que não vai acontecer
- - -
Toma um chá
um banho
um ar
Só o agora existe, pare de sonhar.

Autora: Vitória Burnier

Reencontros e cumprimentos
com queridos e com eu mesmo
um café servido
e cartas na mesa
nem aqui dentro ou lá fora
a vida é a mesma

hoje foi atípico e passou muito rápido
eu não senti na boca aquele gosto ácido
é pedir demais querer que todas as trocas
sejam doces como aquelas pipocas?
Estatisticamente, eu aceito certos afetos
um tanto confusos, um tanto incompletos
apenas exigo de mim e da vida
que nenhuma outra amizade
me cause ferida.

Autora: Vitória Burnier

Rios de mau estar ao longo do dia
nascer pra vida é ruim mas respirar alivia
a natureza me abraça, mas há fogo na praça
e o estado das coisas e as injustiças
tiram da vida a sua graça

respiro, bebo água, olho o fogo e escrevo
pediria por paz se tivesse um desejo.

Autora: Vitória Burnier

As vezes não notamos o desafino
o delírio e o antiarmônico
As vezes o ritmo dissonante
sopra pavor no teu ouvido
e sua consciência colapsa
brevemente

é uma comédia trágica
que gargalha chorando em malícia
e a realidade cessa só
para você perceber
que nada é.

Autora: Vitória Burnier

sufoquei, escondi, matei
fugi, esquivei, esqueci
meu devir, meu olhar
minha criatividade
me sabotei servindo aos homens

percebi, retornei, procurei
sofri, tentei e falhei
tarde de mais me toquei que perdi
o que em mim sorri

maldito imaginário criminoso
me roubou a autonomia e o gozo
do meu jeito quero ver o mundo de novo

Autora: Vitória Burnier

mão
coração
corpo
todos dormem
vibração
pêndulo
tempo

ansiedade
adrenalina
motivo
peito
alma
pernas
azia
dentes
o ar
que falta

Autora: Vitória Burnier

Terças são legais
passo por pessoas e jornais
viadutos e canais
gente cansada e que quer mais

Quase esqueço que sou um
sujeito como esses
que apesar do passar dos meses
pratica os mesmos jejuns

No mercado público o barulho
nas calçadas o acúmulo
na análise o excesso
e na volta o regresso

O dia acaba na minha cama
enquanto minha cabeça clama
por entender o que aconteceu
durante o dia que precedeu

Autora: Vitória Burnier



Título: reestabelecendo eu
Técnica: fotografia analógica
Autora: Alan Kazzaz